

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Por que a Rússia invadiu a Ucrânia e como as guerras  
beneficiam os autocratas: As fontes domésticas da Guerra  
Russo-Ucraniana  
Vicente Ferraro

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6475>

Submetido em: 2023-07-20

Postado em: 2023-07-24 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## Por que a Rússia invadiu a Ucrânia e como as guerras beneficiam os autocratas:

### As fontes domésticas da Guerra Russo-Ucraniana<sup>1</sup>

**Vicente Ferraro**

Laboratório de Estudos da Ásia, Universidade de São Paulo / Seção Rússia & Espaço Pós-Soviético

#### Resumo

Ao contrário dos argumentos geopolíticos de Vladimir Putin para justificar a invasão em larga escala da Ucrânia em 2022, o confronto não beneficiou a posição da Rússia no equilíbrio de poder europeu, embora possa trazer ganhos significativos para o seu regime autoritário. Este artigo almeja lançar luz sobre as causas da agressão militar russa, abordando as seguintes perguntas de pesquisa: (1) Por que a Rússia invadiu a Ucrânia? (2) Como as guerras beneficiam os autocratas? Argumento que a securitização do Ocidente e da Ucrânia como ameaças existenciais à Rússia tem sido mobilizada por Putin como estratégia central de legitimação de seu regime, visando impulsionar sua popularidade, justificar a repressão a críticos e opositores, fortalecer o *establishment* de segurança, além de reforçar o nacionalismo e os preceitos ideológicos do regime, como a supremacia dos valores "tradicionais" russos sobre os valores liberais "decadentes" ocidentais – referência de ideólogos do Kremlin aos movimentos LGBTQIA+ e à democracia representativa. O presente trabalho se baseou em uma pesquisa multimétodos, incluindo análise de *surveys*, análise de discurso, conteúdo legislativo e estatística inferencial. Os resultados mostram que guerras podem beneficiar autocratas de diferentes maneiras. A sobrevivência do regime é também um objetivo da *realpolitik*: Putin e seu *establishment* de segurança precisam de um Ocidente hostil e de uma Ucrânia ameaçadora para se autolegitimar.

**Palavras-chave:** Guerra Russo-Ucraniana; Guerra na Ucrânia; Invasão da Ucrânia, Autoritarismo; Legitimação autoritária; Rally 'round the flag; Teoria da Guerra Diversionista; Vladimir Putin.

---

## Why Russia invaded Ukraine and how wars benefit autocrats:

### The domestic sources of the Russo-Ukrainian War<sup>2</sup>

**Vicente Ferraro**

Center for Asian Studies, University of São Paulo / Russia & Post-Soviet Space Section, São Paulo, SP, Brazil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8444-7739>

#### Abstract

Contrary to Vladimir Putin's geopolitical arguments to justify the 2022 large-scale invasion of Ukraine, the confrontation has not benefited Russia's position in the European balance of

---

<sup>1</sup> O presente artigo (sua versão em inglês) está sendo considerado para publicação em revista internacional e se encontra na fase final de revisão.

<sup>2</sup> This article (its English version) is being considered for publication in an international journal and is in the final review phase.

power, though it may bring significant gains to his personalist autocracy. This paper aims to shed light on the causes of Russia's military aggression by addressing the following research questions: (1) Why did Russia invade Ukraine? (2) How do wars benefit autocrats? I argue that the securitization of the West and Ukraine as existential threats to Russia has been mobilized by Putin as a paramount regime legitimation strategy, aiming to boost his popularity, justify the crackdown on critics and oppositionists, empower the security establishment and reinforce nationalism and the regime's ideological precepts, such as the the supremacy of Russian "traditional" values over Western "decadent" liberal values – reference by Kremlin ideologues to LGBTQIA+ movements and representative democracy. I draw on a multi-methods research design, including survey analysis, discourse analysis, legislative content and inferential statistics. The results show that wars can benefit autocrats in different manners. The regime's survival is also a *realpolitik* goal: Putin and his security establishment need a hostile West and a threatful Ukraine for self-legitimation.

**Keywords:** Russo-Ukrainian War; War in Ukraine; Invasion of Ukraine; Authoritarianism; Authoritarian legitimation; rally 'round the flag; Diversionary War Theory; Vladimir Putin.

---

## **Por qué Rusia invadió Ucrania y cómo las guerras benefician a los autócratas:**

### **Las fuentes domésticas de la Guerra Ruso-Ucraniana**

**Vicente Ferraro**

Centro de Estudios Asiáticos, Universidad de São Paulo / Sección Rusia y Espacio Postsoviético, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8444-7739>

### **Resumen**

Contrariamente a los argumentos geopolíticos de Vladimir Putin para justificar la invasión a gran escala de Ucrania en 2022, la confrontación no ha beneficiado la posición de Rusia en el equilibrio de poder europeo, aunque puede traer ganancias significativas a su autocracia personalista. Este artículo tiene como objetivo arrojar luz sobre las causas de la agresión militar rusa al abordar las siguientes preguntas de investigación: (1) ¿Por qué Rusia invadió Ucrania? (2) ¿Cómo benefician las guerras a los autócratas? Argumento que la securitización de Occidente y Ucrania como amenazas existenciales a Rusia ha sido movilizadas por Putin como estrategia central para legitimar su régimen, con el recto de estimular su popularidad, justificar la represión de críticos y opositores, fortalecer el *establishment* de seguridad, además de reforzar el nacionalismo y los preceptos ideológicos del régimen, como la supremacía de los valores rusos "tradicionales" sobre los valores liberales occidentales "decadentes" – una referencia de los ideólogos del Kremlin a los movimientos LGBTQIA+ y la democracia representativa. El presente trabajo se basó en una investigación multimétodos, incluyendo análisis de encuestas, análisis de discurso, contenido legislativo y estadística inferencial. Los resultados muestran que las guerras pueden beneficiar a los autócratas de diferentes maneras. La supervivencia del régimen también es un objetivo de la *realpolitik*: Putin y su *establishment* de seguridad necesitan un Occidente hostil y una Ucrania amenazante para legitimarse.

**Palabras clave:** Guerra Ruso-Ucraniana; Guerra en Ucrania; Invasión de Ucrania; Autoritarismo; Legitimación autoritaria; rally 'round the flag; Teoría de la Guerra Diversionista; Vladimir Putin.

## **Por que a Rússia invadiu a Ucrânia e como as guerras beneficiam os autocratas:**

### **As fontes domésticas da Guerra Russo-Ucraniana**

*Vicente Ferraro, LEA-USP<sup>3</sup>*

#### **Introdução**

Em 24 de fevereiro de 2022, Vladimir Putin determinou uma invasão de larga escala na Ucrânia, o que culminou em um dos conflitos mais sangrentos em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial. Por envolver interesses de grandes potências nucleares e alianças militares, a guerra na Ucrânia reacende tensões geopolíticas que marcaram a Guerra Fria.

A discussão sobre a responsabilidade pela espiral de tensões nas relações russo-ucranianas envolve diversas questões normativas (D'ANIERI, 2019, p. 264) e tem sido polarizada entre dois campos: a abordagem da guerra “defensiva”, representada majoritariamente por estudiosos da escola realista de Relações Internacionais (MEARSHEIMER, 2022; WALT, 2022; CHARAP, 2022; KARAGANOV, 2019), que retrata a Rússia como vítima do expansionismo da OTAN e a invasão da Ucrânia como uma reação natural visando a manutenção do equilíbrio de poder no continente; no outro polo, a abordagem de guerra “agressiva”, que concebe o autoritarismo na Rússia e as ambições imperiais de Putin como o motor do conflito (KUZIO, 2022; PERSON & MCFAUL, 2022; KHRUSHCHEVA, 2022). Em consonância com o segundo campo, este artigo visa lançar luz sobre as fontes domésticas da guerra russo-ucraniana, respondendo às seguintes questões de pesquisa:

1. Por que a Rússia invadiu a Ucrânia?
2. Como Vladimir Putin se beneficia da guerra em termos de obtenção de apoio social para o seu regime (legitimação) e as suas medidas de repressão?

Argumento que a principal motivação da agressão russa foram as estratégias de legitimação ideológica do regime – um importante pilar para a manutenção de autocratas no poder. A securitização do Ocidente e da Ucrânia como uma ameaça existencial à Rússia foi mobilizada para alavancar a popularidade de Putin e as preferências autoritárias na sociedade, fortalecer o nacionalismo, justificar a repressão a políticos de oposição e reforçar os preceitos

---

<sup>3</sup> Vicente Ferraro é doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2022), mestre em Ciência Política pela *Higher School of Economics* (2015) de Moscou e bacharel em Relações Internacionais pela PUC-SP (2012). Foi pesquisador visitante no *Centre for European, Russian, and Eurasian Studies* (CERES) da Munk School of Global Affairs & Public Policy, Universidade de Toronto (2021). Atua nas seguintes áreas: política doméstica/externa da Rússia e Ucrânia; conflitos do Espaço Pós-Soviético; processos de integração, conflitos e relações sociopolíticas em regiões de fronteira. Suas pesquisas mais recentes abordam o impacto de conflitos em Estados, regimes políticos, identidades e serviços públicos. Desde 2010 é membro do Laboratório de Estudos da Ásia da Universidade de São Paulo (LEA-USP), seção Rússia e Espaço Pós-Soviético.

ideológicos do regime, como a supremacia dos "valores tradicionais" russos sobre os valores liberais "decadentes" ocidentais. Em outras palavras, Putin e as forças de segurança que o rodeiam precisam da OTAN e de guerras diversionistas para a sua autolegitimação – a sobrevivência do regime é também um objetivo da *realpolitik*.

Independentemente da legitimidade dos questionamentos das elites russas contra a expansão da OTAN na Europa Oriental (principal razão apontada por Putin para iniciar a guerra), a invasão a Ucrânia, como esperado, não alterou o equilíbrio de poder na Europa em benefício da Rússia (FERRARO, 2023). Pelo contrário, a OTAN está hoje muito mais fortalecida, unificada e próxima das fronteiras russas do que antes da agressão – uma previsão ignorada por realistas. O confronto na Ucrânia não beneficiou a posição geopolítica da Rússia na Europa, mas trouxe ganhos significativos ao regime personalista de Putin.

Também abordo um importante elemento ideacional da estratégia de legitimação do regime: a securitização da Ucrânia como uma ameaça existencial à Rússia desde a Revolução Laranja na Ucrânia em 2004, quando estereótipos históricos da identidade ucraniana como uma construção conspiratória ocidental para dividir a nação russa e minar o poder do Estado russo foram revividos. Esta estratégia permitiu que a atual guerra de agressão fosse retratada como uma guerra defensiva, voltada à proteção e reconquista de um território “russo”. Desde as suas fases iniciais, o regime adquiriu conhecimento e experiência sobre como mobilizar recorrentemente ameaças internas e externas em benefício próprio – a luta contra os “bandidos chechenos” no início gradualmente deu lugar à luta contra os “nacionalistas ucranianos”, o “Ocidente coletivo” e seus aliados “traidores liberais” dentro da Rússia.

As evidências para esses argumentos tiveram como base um desenho de pesquisa multimétodos, recorrendo à análise de discurso, análise de conteúdo legislativo, estatística inferencial e dados de opinião pública. O artigo está dividido em três seções principais: I. Revisão da literatura; II. Dados e métodos; e III. Análise das causas da invasão da Rússia na Ucrânia.

## **I. Revisão da literatura**

Um elemento central para a compreensão dos argumentos deste artigo é o conceito de legitimação autoritária. Segundo Gerschewski (2013), a legitimação é um dos três pilares que sustentam regimes autoritários, juntamente com a cooptação e repressão. Soest e Grauvogel (2017, p. 288-289) definem legitimação como “o processo de obtenção de apoio”. Em suas

palavras, as estratégias de legitimação, ou “reivindicações de legitimidade”, têm repercussões políticas no que diz respeito à coesão das elites, popularidade do regime e atividade da oposição, estimulando a identificação coletiva com o regime e marginalizando os atores opositores. Estudos empíricos mostram que regimes personalistas, como a autocracia de Vladimir Putin, são mais propensos a colapsos violentos do que regimes militares e de partido único (GEDDES, 1999; GEDDES et al., 2018). Portanto, as estratégias de legitimação são primordiais para sua sobrevivência. A seguir, apresento um panorama da literatura sobre os mecanismos pelos quais as guerras beneficiam os autocratas no processo de obtenção de apoio social e político (legitimação).

### **O impacto do autoritarismo na probabilidade de guerra**

Como Geddes et al. (2018, p.1) observam, a maioria das guerras civis, interestatais e violência política desde o início do século XX ocorreu em regimes ditatoriais. As estratégias autoritárias de legitimação são apontadas como uma das principais causas de guerras. Conflitos domésticos contra minorias (GAGNON, 1995; TIR & JASINSKY, 2008) e guerras interestatais têm o potencial de alavancar o apoio popular e eleitoral do incumbente (MUELLER, 1973) – o efeito "rally 'round the flag". Líderes podem perceber guerras diversionistas como instrumentos úteis para desviar a atenção de instabilidades internas, crises econômicas e crescente oposição doméstica, especialmente se houver condições locais favoráveis (OAKES, 2012).

Parte da literatura examinou quais tipos de regimes autoritários (por exemplo, militares, de partido único e personalistas) são mais propensos a usar a força militar e em que condições. Mansfield e Snyder (2002) sustentam que os Estados que passaram por transições democráticas parciais enfrentam preocupações de legitimação e são mais propensos a mobilizar conflitos para estimular o nacionalismo e o apoio popular. Lai e Slater (2006) afirmam que a propensão depende da força da “infraestrutura institucional”. Os regimes de partido único contam com instituições autoritárias eficazes (como as estruturas partidárias) para garantir a legitimidade, administrar os facciosismos nas elites e conter os protestos, de maneira a reduzir os riscos de colapso. Os regimes militares, por sua vez, são menos eficazes no desenvolvimento de tais instituições. Dados os temores de sublevações internas, é mais provável que eles se envolvam em conflitos militares com o objetivo de unificar os militares e a sociedade.

Weeks (2012) aponta para o papel do público doméstico na decisão de iniciar a guerra. Incumbentes geralmente são constrangidos por atores que podem puni-los por tais decisões,

mesmo em regimes autoritários. No entanto, quando o poder se concentra em suas mãos, através da eliminação da resistência institucional, das elites e da população (como acontece frequentemente em regimes personalistas), a propensão para iniciar uma guerra é elevada. Avançando nos argumentos de Weeks, mostro que o regime personalista de Putin se envolve em conflitos não apenas devido à ausência de restrições domésticas, mas também como um recurso para minar essas mesmas restrições, dificultando qualquer vestígio do sistema de freios e contrapesos institucionais.

### **O impacto das guerras no autoritarismo**

Guerras podem fortalecer autocratas ao reforçar o seu apoio popular, as atitudes e ideologias autoritárias, o nacionalismo e o consentimento com políticas repressivas. Em períodos de conflito e percepção de grandes ameaças, sociedades apresentam maior propensão em concordar com limites às liberdades civis em troca de medidas de segurança, como foi observado após o 11 de setembro nos EUA (DAVIS & SILVER, 2004). Trabalhos no campo da psicologia política apontaram para uma relação significativa entre a percepção de ameaças sociais e atitudes autoritárias (FELDMAN & STENNER, 1997; DUCKITT & FISHER, 2003; ONRAET ET AL., 2013). Nas palavras de Norris e Inglehart (2019, p.176), “o autoritarismo é, por definição, a rejeição de *out-groups* que são vistos como ameaças aos *in-groups*”.

Além do efeito psicológico, conflitos também podem aumentar a legitimidade ideológica autoritária. Segundo Slater (2010), as elites e a sociedade podem se unir em torno do autocrata contra uma ameaça percebida nos chamados "pactos de proteção", os quais facilitam a consolidação de uma coalizão para extrair recursos das elites e organizar partidos e militares coesos, levando a um Estado forte e um regime autoritário estável. Em alguns casos, os “pactos de proteção” podem ser mais eficazes do que a distribuição clientelista de recursos (“pactos de provisão”). Levitsky e Way (2012) sustentam que a vitória em conflitos violentos aumenta a durabilidade de regimes autoritários ao fornecer fontes não materiais de coesão (por exemplo, ideologia e laços de solidariedade entre elites). Adicionalmente, autocratas exploram suas vitórias em conflitos para justificar que o autoritarismo é mais eficiente em combater diferentes ameaças e prover segurança do que regimes democráticos liberais/ representativos (FERRARO, 2022).

A literatura sobre securitização tem contribuído para a discussão acerca da relação entre guerras e autoritarismo ao sustentar que as percepções de ameaça não são dados naturais objetivos, mas construções sociais intersubjetivas. No processo de securitização, um "agente

securitizador" (geralmente o incumbente e agentes do Estado), por meio de um ato de fala, estabelece socialmente a existência de uma ameaça à sobrevivência de uma unidade (geralmente o Estado) e exige que "medidas urgentes" sejam adotadas para contrabalançar essas ameaças (BUZAN et al., 1998; WÆVER, 1995).

Na mesma linha, Krebs (2010) enfatiza que guerras frequentemente levam a restrições, detenções sem acusações, redução da transparência do governo, repressão da oposição e expansão do poder Executivo, minando fundamentos democráticos. Nas palavras de Centeno (2010):

Guerras têm a capacidade de nos transformar em lunáticos e nos convencer de que somente o Estado pode nos proteger do terrível inimigo. [...] Vários regimes justificam a contínua limitação das liberdades individuais alegando que o inimigo permanece invicto ou recorrentemente tirando novos terrores do chapéu dos mágicos políticos. (CENTENO, 2010, p.255-256, tradução nossa).

Tendo como referência a literatura supramencionada, argumento que a instrumentalização de conflitos para alavancar a legitimação de Vladimir Putin (um importante pilar para a sustentação do seu regime) compreende três pressupostos:

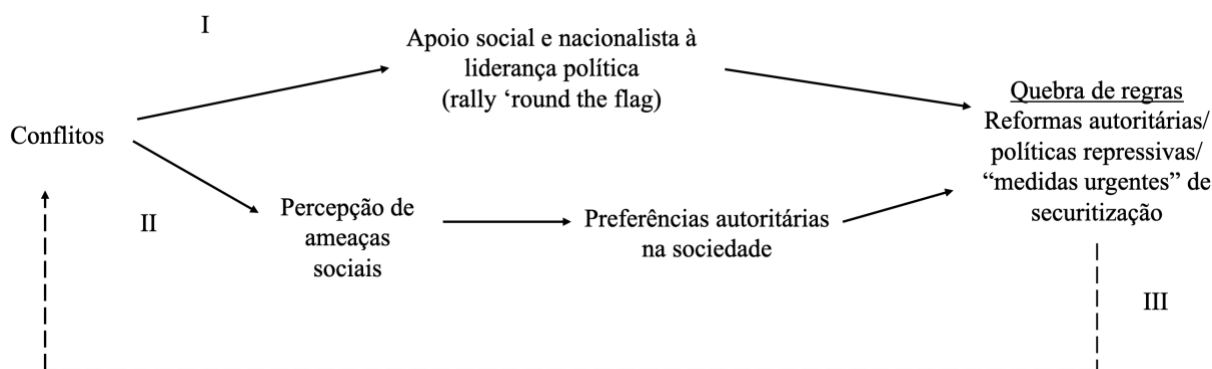
(I) Conflitos impulsionam o apoio popular e nacionalista ao incumbente (o efeito "rally 'round the flag"), o que facilita a legitimação de seu regime autoritário e a adoção de políticas repressivas. Como Oakes (2012, p. 40) discorre, "líderes instigam conflitos armados interestatais a fim de distrair o público de seus problemas, estimular o sentimento nacionalista, unir a população em apoio ao governo, transferir a culpa por problemas internos para um bode expiatório externo e/ ou demonstrar a competência do governo em política externa para melhorar sua imagem".

(II) Conflitos estimulam percepções de ameaças na sociedade, as quais, por sua vez, impulsionam as preferências autoritárias e facilitam tanto a legitimação do regime quanto o consentimento para "medidas urgentes" repressivas destinadas a combater essas ameaças. Incumbentes, por meio de atos de fala/ discurso, securitizam questões específicas como ameaças existenciais à nação e apresentam as soluções autoritárias "adequadas" e "urgentes" para erradicá-las.

(III) Incumbentes, cientes dos efeitos positivos legitimadores de conflitos e contando com um significativo poderio militar, recorrem a guerras como estratégia para desviar a atenção de insatisfações sociais e promover políticas ainda mais autoritárias voltadas à sustentação do regime.

As hipóteses I e III estão relacionadas à teoria da guerra diversionista, enquanto a hipótese II está vinculada tanto à literatura de psicologia política quanto às teorias de securitização. O esquema abaixo (Figura 1) sintetiza esses três efeitos que se reforçam mutuamente:

**Figura 1. A relação entre conflitos e legitimação autoritária**



Fonte: elaborado pelo autor.

### **Crítica às abordagens realistas sobre a invasão da Ucrânia**

A escola (neo)realista das Relações Internacionais, ao conceber os Estados apenas como “bolas de bilhar” em busca de poder relativo, ignora importantes e complexas dinâmicas de poder que se desenvolvem dentro dos Estados. As alegações de realistas de que o confronto na Ucrânia foi uma reação da Rússia contra o alargamento da OTAN, para garantir a segurança das fronteiras russas e manter o equilíbrio de poder na Europa (MEARSHEIMER, 2022; WALT, 2022; CHARAP, 2022; KARAGANOV, 2019) ignoram profundamente essas dinâmicas. Guerras resultam não apenas do equilíbrio de poder entre os Estados e das preocupações com o poder relativo, mas também das estratégias de elites para se sustentar no poder (LAI E SLATER, 2006, p. 113). Como prescrição política, para além de uma teoria explicativa, o realismo tem um valor normativo em termos de legitimação do discurso de securitização de Putin (ver POAST, 2022) – em suas análises está implícito que qualquer outro líder realista e eficaz teria agido da mesma maneira que Putin.

D'Anieri (2019) encontrou um equilíbrio entre os fatores reivindicados por acadêmicos do realismo e da política comparada para explicar os eventos críticos de 2014 envolvendo a Rússia, a Ucrânia e o Ocidente. Na sua concepção, três elementos foram primordiais para a

crise: o dilema de segurança (cada lado deu passos que fizeram o outro se sentir menos seguro), a democratização (as transições políticas pós-soviéticas se tornaram um fator perturbador na região) e as restrições da democracia na formulação de política externa (a opinião pública dificultou que lideranças políticas em alguns países assumissem posturas mais cooperativas).

Em consonância com Kuzio (2022), Person & McFaul (2022) e Khrushcheva (2022), considero que entender a dinâmica da política doméstica russa é crucial para lançar luz sobre as causas da guerra russo-ucraniana. Considerações geopolíticas e econômicas certamente fizeram parte do cálculo de Putin, mas não foram seu principal motivador. As perspectivas de ganhos nessas esferas de longe não são tangíveis; o único benefício de fato tangível foi a legitimação do regime.

## II. Dados e métodos

Considerando os efeitos de legitimação de conflito em regimes autoritários apresentados na seção anterior, este artigo se fundamenta em um desenho de pesquisa multimétodos, combinando análise de atitudes e preferências políticas com análises de discurso (quantitativas e qualitativas), de maneira a oferecer evidências robustas para os argumentos relacionados às teorias de securitização e da guerra diversionista. A resposta para "como o regime personalista de Putin se beneficia da guerra?" conduz à resposta para "por que a Rússia invadiu a Ucrânia?". As seguintes estratégias foram adotadas para responder a essas questões.

Em primeiro lugar, como teste ao mecanismo da guerra diversionista (pressuposto I), o principal benefício de legitimação proporcionado pela guerra, recorro às pesquisas de opinião do instituto Levada-Center para avaliar a variação do apoio popular ao incumbente. Verifico quais eram as tendências e dinâmicas dessas variáveis antes e depois do início de grandes conflitos. Se o efeito diversionista da guerra for significativo, pode-se esperar que o incumbente tenha incentivos racionais para iniciar novos conflitos (pressuposto III). Também apresento dados sobre os principais protestos políticos na Rússia e nos Estados pós-soviéticos vizinhos como *proxy* para os riscos à sustentação do regime.

Em segundo lugar, como um teste para a relação entre conflitos, percepções de ameaças sociais e preferências autoritárias (pressuposto II), examino dados do *New Russia Barometer* (NRB) – especificamente uma pesquisa de 2007, realizada alguns meses após a o famoso discurso de Putin contra a OTAN e os EUA na Conferência de Segurança de Munique. Conduzo uma regressão *logit* binomial para avaliar se a percepção dos EUA como ameaça à

Rússia está correlacionada com preferências autoritárias na sociedade e a nostalgia soviética. Foram abordadas as seguintes variáveis: o apoio à suspensão do parlamento, a uma ditadura, a um regime militar e ao retorno do comunismo. Como perguntas diretas sobre o conceito de democracia podem envolver definições pessoais e viés de desejabilidade social (SVOLIK, 2019), optei por abordar essas referências indiretas. Para facilitar a interpretação dos resultados, transformei essas variáveis em *dummies*: a percepção dos EUA como ameaça recebeu o valor 1 para “grande” ou “alguma” ameaça e 0 para “pequena” ou “nenhuma”; já as preferências autoritárias receberam 1 para concordo “fortemente” ou “um pouco” e 0 para discordo “fortemente” ou “um pouco”. Apesar de os dados abrangerem um período anterior ao da guerra na Ucrânia, o aprendizado e conhecimento passado do incumbente sobre estes efeitos pode influenciar as estratégias de recorrer a conflitos no presente. Ademais, esses dados podem ser úteis para verificar se as principais descobertas sobre a relação entre percepções de ameaças sociais e autoritarismo (FELDMAN & STENNER, 1997; DUCKITT & FISHER, 2003; ONRAET ET AL., 2013; NORRIS & INGLEHART, 2019) também são confirmadas pelo caso russo. Com base em um período de tempo mais abrangente (1996-2016), avalio as pesquisas do instituto Levada-Center sobre as preferências de regime na sociedade.

Em terceiro lugar, como estratégia para abordar as estratégias de securitização de Putin (a parte construtivista da pressuposto II), examino todos os discursos anuais do presidente da Rússia à Assembleia Federal de 1994 a 2023 e codifico cada parágrafo por menções de ameaças domésticas e externas utilizando o aplicativo NVIVO. Em seguida, observo a variação do percentual de menções por fala ao longo do tempo. Também realizo uma análise qualitativa das declarações de Putin e dos propagandistas do regime acerca da Ucrânia e da invasão de 2022 nos principais canais midiáticos russos.

Por fim, visando testar a conexão das estratégias diversionistas (pressuposto I) e securitizadoras (pressuposto II) com políticas autoritárias, ou seja, a legitimação da adoção de “medidas urgentes” para combater as ameaças, coletei dados sobre emendas e medidas repressivas, como as leis de combate ao terrorismo, combate ao extremismo e agências de segurança, bem como sobre a classificação do Ministério da Justiça de “agentes estrangeiros” – um importante instrumento legal para reprimir opositores. A análise qualitativa do discurso pode adicionalmente mostrar como os agentes do Estado vinculam a securitização de ameaças existenciais à necessidade de adoção de tais políticas repressivas.

Cabe ressaltar que analisar os efeitos de uma guerra em curso, em um regime autoritário, representa um desafio metodológico significativo. Não é possível termos certeza de que as pesquisas de opinião revelam totalmente as reais preferências da população e quanto

tempo durarão os efeitos da guerra nas atitudes e preferências sociais. No entanto, ao abordar o efeito de conflitos em outros períodos em que o regime permitiu um maior grau de contestação pública e ao implementar um projeto de pesquisa multimétodos, esses riscos podem ser minimizados. O conhecimento prévio e as experiências do regime com conflitos são fundamentais para entendermos sua contínua instrumentalização.

### **III. Análise das causas da agressão da Rússia contra a Ucrânia**

#### **A instrumentalização da guerra como uma importante estratégia de legitimação**

Como mencionado anteriormente, regimes autoritários contam com três bases de sustentação: repressão, cooptação (distribuição de ganhos econômicos entre elites e grupos sociais) e estratégias de legitimação (GERSCHEWSKI, 2013). Em períodos de crescimento econômico, incumbentes podem reforçar suas estratégias de cooptação econômica e diminuir o recurso à repressão, apresentando-se como líderes eficazes (GURIEV E TREISMAN, 2015). Contrariamente, períodos de estagnação costumam elevar a demanda por políticas repressivas (dadas as insatisfações sociais) e, portanto, por recursos ideológicos destinados à sua legitimação. A Rússia passou por uma transição política e econômica altamente turbulenta após a dissolução da URSS e até os dias de hoje há fortes reminiscências sobre acerca das dificuldades desse período (GELMAN, 2019). As fases iniciais do governo Putin viram um verdadeiro *boom* econômico, o que contribuiu para a coordenação de barganhas autoritárias na sociedade e a percepção de que a autocracia personalista de Putin é mais apta a fornecer ganhos econômicos e estabilidade política do que o regime liberalizante, de maior abertura política, que a antecedeu.

Após a turbulência no mercado de *commodities*, na década de 2010, o regime não conseguiu apresentar os mesmos níveis de crescimento e enfrentou momentos de desaceleração e retração econômica. Esses anos foram marcados por crescentes insatisfações populares, baseadas não apenas no enfraquecimento das barganhas econômicas, mas também na permanência de Putin no poder, após ser eleito para um terceiro mandato presidencial em meio a denúncias de fraude eleitoral. A Figura 2 mostra como protestos contra o regime cresceram a partir de 2011. Desde 2017, eles deixaram de se concentrar em Moscou e São Petersburgo, difundindo-se por diversas regiões interioranas. Em 2021, após a prisão de Alexey Navalny (principal opositor do regime), a Rússia assistiu a um dos maiores protestos de sua história

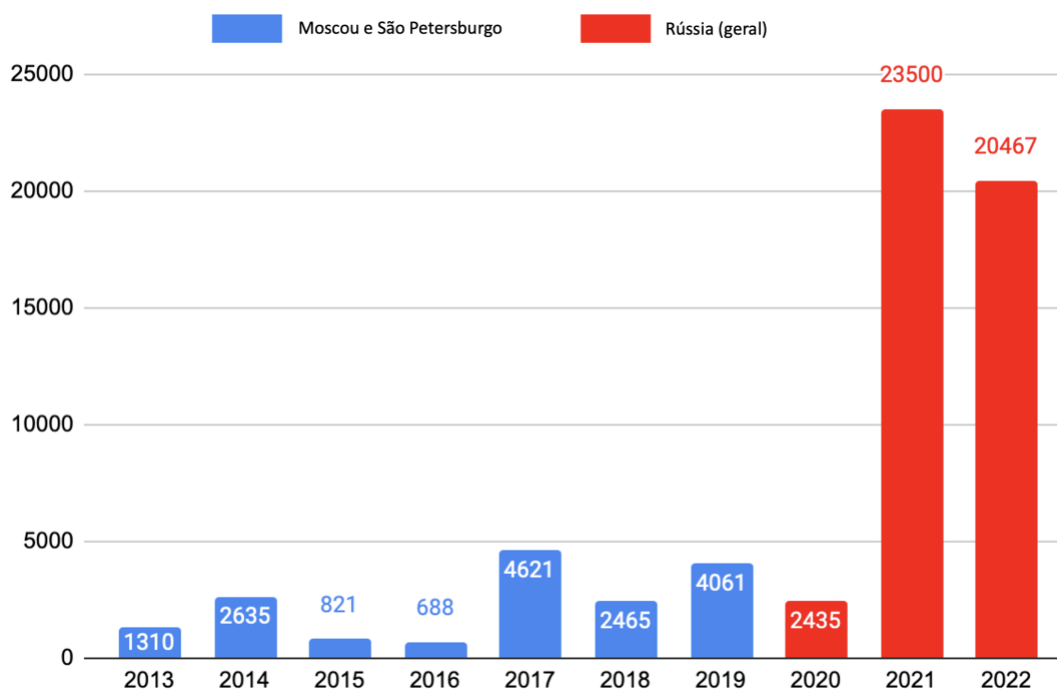
recente. Em complemento, a Figura 3 mostra o número de detidos em protestos por ano – em 2021 há um salto significativo.

**Figura 2. Maiores protestos contra o regime antes da invasão russa da Ucrânia em 2022**

<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Tamanho estimado</b>	<b>Motivo</b>
2001, 31 de março	Moscou	20.000	Interferência estatal no canal NTV
2011, 4-6 de dezembro	Moscou e mais de 20 cidades	100.000-150.000	Denúncias de fraude eleitoral
2011, 10 de dezembro	Moscou	25.000-80.000	Denúncias de fraude eleitoral
2011, 24 de dezembro	Moscou	29.000-120.000	Denúncias de fraude eleitoral
2012, 04 de fevereiro	Moscou	100.000	Denúncias de fraude eleitoral
2012, 06 de maio	Moscou	8.000 – mais de 10.000	Denúncias de fraude eleitoral
2012, 12 junho(várias marchas até junho de 2013)	Moscou	18.000-120.000	Denúncias de fraude eleitoral
2015, 1 de março	Moscou	21,000-50,000	Assassinato do opositor Boris Nemtsov
2017, 26 de março	100 cidades	7.000-30.000 em Moscú, Até 150.000 em toda a Rússia	Denúncias de corrupção pela organização FBK, de Alexei Navalny, contra o primeiro ministro Dmitry Medvedev
2017, 12 de junho	154 cidades	50.000-100.000	Denúncias de corrupção pela organização FBK, de Alexei Navalny, contra o primeiro ministro Dmitry Medvedev
2017, 07 de outubro	80 cidades	25.000	Denúncias de corrupção
2018, 28 de janeiro	100 cidades	Pelo menos 3.500	Recusa da Comissão Eleitoral em registrar Alexei Navalni como candidato a presidente
2018, 05 de maio	Moscú e muitas cidades	-	Governo Putin (Inspirado na Revolução de Veluda na Armênia)
2019, 20 e 27 de julho	Moscú	3.500-25.000	Recusa de candidatos para as eleições ao parlamento regional de Moscú
2019, 10 de agosto	Moscú	20.000	Recusa de candidatos para as eleições ao parlamento regional de Moscú
2020	Mais de 40 cidades	(mais de 700 detidos)	Reformas constitucionais
2020-2021	Khabarovsk e outras cidades	Alguns milhares	Prisão do governador de Khabarovsk Sergey Furgal
2021, 23 e 31 de janeiro	Até 190 cidades	250.000-300.000	Prisão de Alexei Navalny
2021, 21 de abril	30 cidades	Pelo menos 30.000	Prisão de Alexei Navalny
2021, setembro-outubro	Muitas cidades	-	Denúncias de fraude eleitoral

Fonte: compilado pelo autor baseado principalmente em Trofimov e Gavrilov (2021).

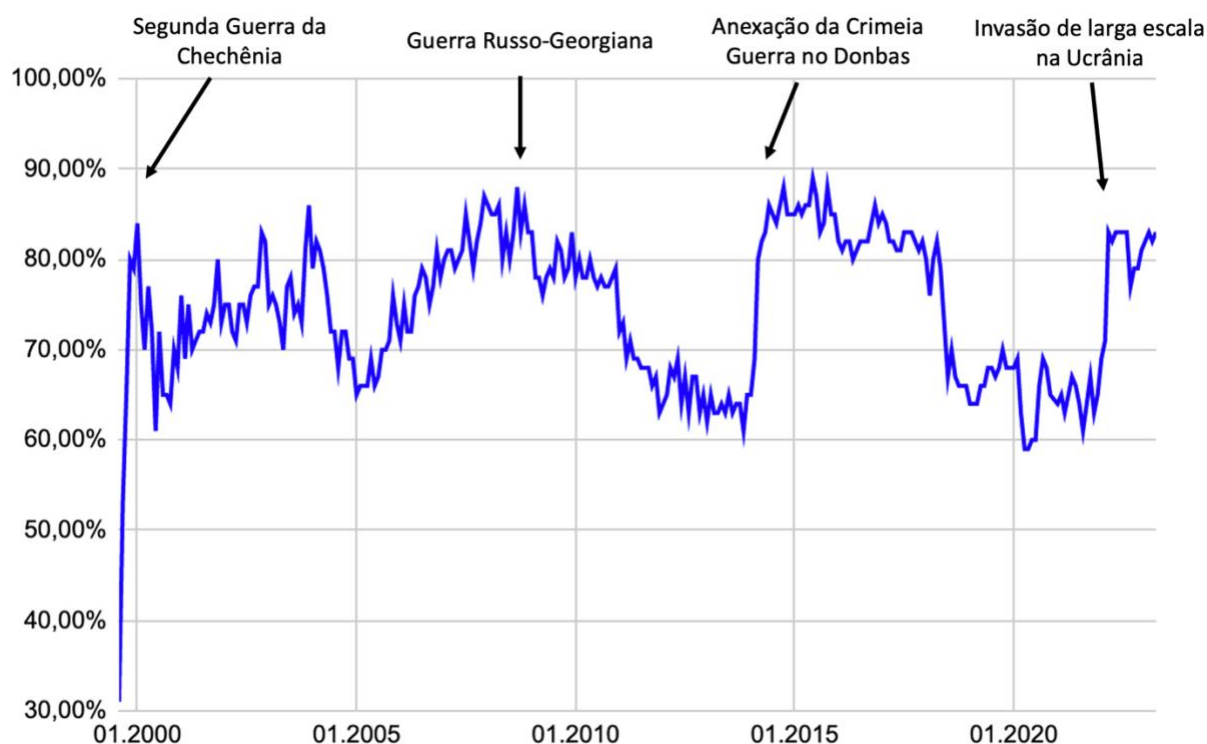
**Figura 3. Número de detidos em grandes manifestações**



Fonte: compilado pelo autor com base na organização OVD-Info (2022).

Diante da crescente insatisfação social, o regime ampliou suas estratégias de repressão e legitimação durante a década de 2010. Seu principal recurso ideológico, como em diversos regimes autoritários (NORRIS & INGLEHART, 2019), consistiu no combate a ameaças internas e externas. Os efeitos positivos de conflitos para o governo de Putin foram notáveis desde os seus primeiros dias no poder: sua atuação linha-dura durante a Segunda Guerra da Chechênia (1999-2000) reforçou sua popularidade e contribuiu para a sua vitória em primeiro turno nas eleições presidenciais de 2000. Um dissidente do Serviço Federal de Segurança (FSB) denunciou que uma das principais motivações para o conflito, os atentados a bomba de 1999 a prédios residenciais (presumivelmente por separatistas chechenos), foi realizado pela própria FSB para causar comoção social, facilitar a aceitação popular a uma nova guerra contra os separatistas e obter dividendos políticos<sup>4</sup>. Como é possível observar na Figura 4, o efeito “rally ‘round the flag” (pressuposto I) foi significativo em todos os conflitos em que o Estado russo se envolveu. Pouco antes da crise ucraniana de 2014 e da invasão russa de larga escala de 2022, a aprovação do regime estava em torno de seus níveis históricos mais baixos. Os conflitos subsequentes rapidamente a impulsionaram a picos recordes – a partir de 2014 esse efeito teve uma tendência relativamente prolongada.

<sup>4</sup> Essas acusações foram feitas por Yuri Felshtinsky e pelo ex-oficial do FSB Alexander Litvinienko. Em 2006, Litvinienko foi envenenado com polônio-210 em seu exílio no Reino Unido.

**Figura 4. Índice de aprovação de Vladimir Putin na Rússia**

Fonte: compilado pelo autor com base em inquéritos do Levada-Center (2023).

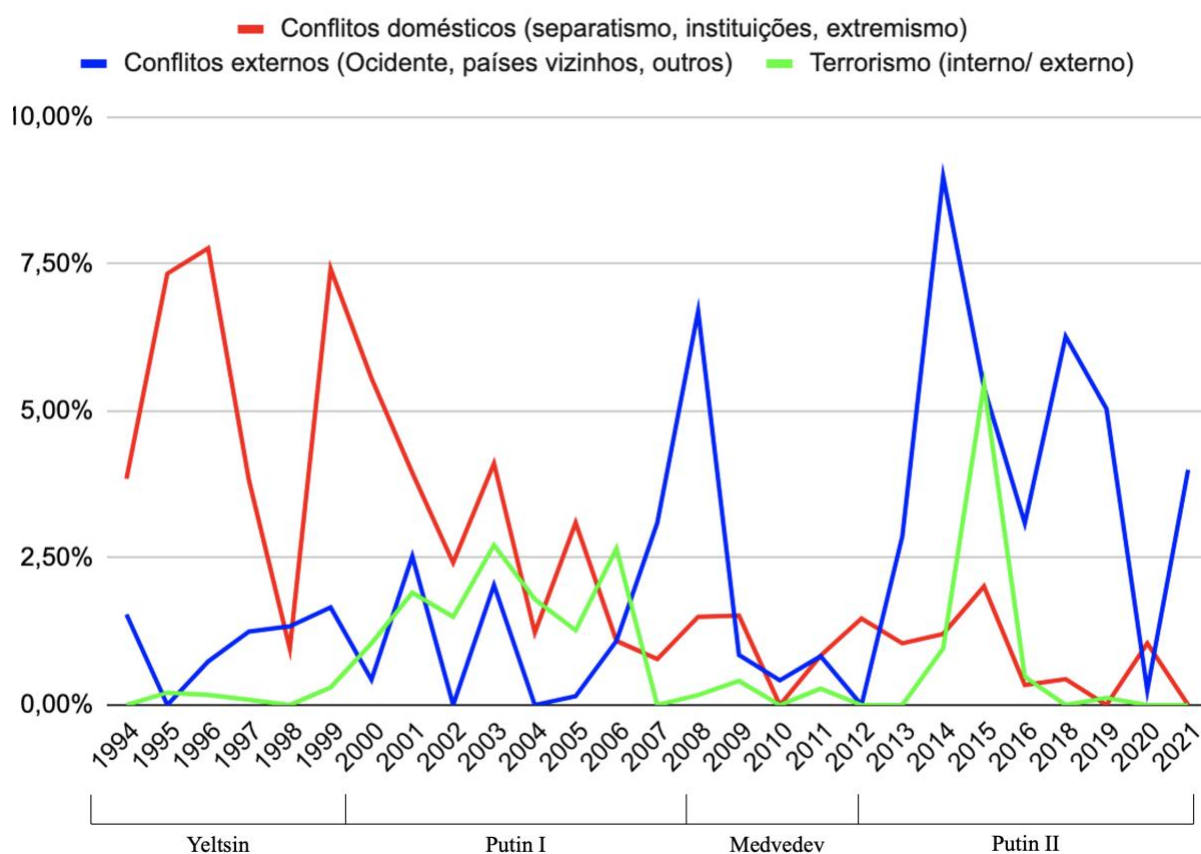
A questão chechena guarda relação direta com um antigo problema de securitização, latente entre as elites e a sociedade russa – o medo da dissolução do Estado multinacional russo, como aconteceu com a URSS. O discurso fundador do regime Putin acerca do pretense *trade-off* entre democracia e ordem<sup>5</sup> preconiza que a Rússia, dada a sua vastidão e complexas especificidades multinacionais (multiétnicas), necessita de um Estado forte, centralizado e implicitamente autoritário para garantir a estabilidade política/ econômica e manter a sua integridade territorial – contra inimigos internos e externos que ambicionam desintegrar o Estado (FERRARO, 2022).

Nos primeiros anos de Putin no poder, o foco do seu discurso de securitização se concentrava nas ameaças internas – a questão chechena, era apenas indiretamente associada a ameaças externas (o terrorismo internacional e as ambições ocidentais de dismantelar a Rússia). Assim que a questão chechena perdeu relevância na política doméstica, o foco foi direcionado às ameaças externas – o “Ocidente coletivo”, o expansionismo da OTAN e os nacionalistas ucranianos. Apesar do alargamento da OTAN em 1999 e 2004, ela se tornou uma

<sup>5</sup> Denomino essa estratégia de “discurso do *trade-off*”.

questão central de securitização nos discursos de Putin apenas após 2006. A Figura 5 cobre as variações nas menções a ameaças domésticas e externas nos discursos presidenciais anuais à Assembleia Federal, como evidência do pressuposto II. A diminuição das menções a ameaças internas parece ser compensada pelo aumento das menções a ameaças externas, em um processo de recorrente securitização. Em 2023, as menções a ameaças externas dispararam para quase 30%.

**Figura 5. Menções de ameaças internas e externas em discursos presidenciais ao parlamento**



Fonte: criado pelo autor com base em discursos do presidente da Rússia à Assembleia Federal (Consultant, 2023a).

Em consonância com a literatura de psicologia política supramencionada, há evidências de que a percepção dos EUA como ameaça está fortemente correlacionada com preferências autoritárias. Os testes de regressão abaixo (Figura 6), com base no *survey* do *New Russia Barometer* (NRB) de 2007, conduzido após o famoso discurso anti-OTAN de Putin na Conferência de Segurança de Munique, mostram que perceber os EUA como ameaça à Rússia aumenta em 1,566 vezes a chance de indivíduos aprovarem uma ditadura (um *log-odds* de 0,448, modelo 3) e em 1,545 vezes (um *log-odds* de 0,435, modelo 7) o apoio à volta do comunismo soviético, mantendo outras variáveis constantes – esta última correlação pode estar

relacionada a reminiscências da Guerra Fria. Resultados análogos foram encontrados em testes com *surveys* do NRB realizados em 1996, 1998, 2000, 2001, 2003 e 2005, sugerindo que promover percepções de ameaça na sociedade pode estimular um maior consentimento (ou menor resistência) a regimes e políticas autoritárias, evidências para o pressuposto II. Em alguns períodos foram identificadas correlações inclusive entre a relação de temor aos EUA e aprovação à suspensão do parlamento e a um regime militar. Os resultados para os controles seguiram padrões semelhantes aos de outros estudos (por exemplo, DAVIS E SILVER, 2004). Cabe mencionar que em 2007 mais de 50% dos russos viam os EUA como grande ou alguma ameaça; em 1993, tal atitude era inferior a 25%.

**Figura 6. Relação entre percepção dos EUA como ameaça, diferentes indicadores de preferências autoritárias e nostalgia do comunismo soviético em 2007**

	Suspensão do parlamento		Ditadura		Regime militar		Retorno do comunismo	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
EUA_como_ameaça	-0.198 (0.134)	-0.193 (0.121)	0.448*** (0.136)	0.438*** (0.122)	-0.042 (0.193)	-0.053 (0.172)	0.435** (0.136)	0.462*** (0.122)
Gênero:feminino	-0.165 (0.134)	-0.184 (0.121)	-0.295* (0.134)	-0.316** (0.121)	-0.719*** (0.196)	-0.706*** (0.175)	0.058 (0.135)	0.046 (0.121)
Idade	-0.003 (0.004)	-0.003 (0.004)	0.023*** (0.004)	0.021*** (0.004)	0.009 (0.006)	0.009 (0.005)	0.034*** (0.004)	0.036*** (0.004)
Renda	0.158** (0.053)	-0.166*** (0.048)	-0.205*** (0.053)	-0.223*** (0.048)	-0.153* (0.077)	-0.149* (0.068)	-0.274*** (0.053)	-0.276*** (0.047)
Constante	0.383 (0.311)	0.398 (0.279)	-1.425*** (0.313)	-1.317*** (0.280)	-1.735*** (0.436)	-1.739*** (0.388)	-1.718*** (0.312)	-1.798*** (0.281)
Weights	No	Yes	No	Yes	No	Yes	No	Yes
Observations	967	967	1,173	1,173	1,190	1,190	1,159	1,159
Log Likelihood	-644.512	-692.854	-676.872	-725.891	-389.681	-424.409	-669.957	-722.967
Akaike Inf. Crit.	1,299.025	1,395.707	1,363.744	1,461.782	789.363	858.818	1,349.913	1,455.934

Note:

\* $p < 0.05$ ; \*\* $p < 0.01$ ; \*\*\* $p < 0.001$

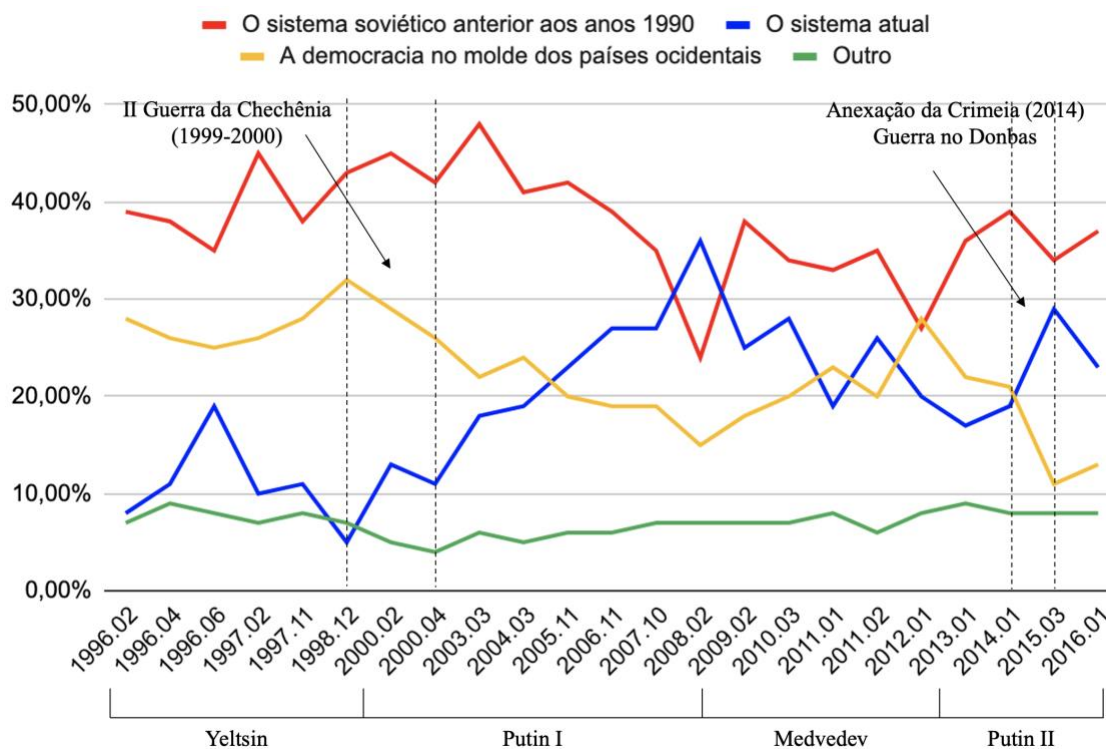
Fonte: elaborado pelo autor com base em pesquisas do NRB (Rose et al., 1993-2009).

Kuzio (2022) argumenta que a ligação entre autoritarismo doméstico e uma política externa agressiva em relação à Ucrânia e ao Ocidente se baseou em três conjunturas críticas nas quais o nacionalismo e o tipo de regime sofreram alterações significativas, aprofundando políticas repressivas. A primeira conjuntura (2005-2008), alicerçada em um nacionalismo civilizacional patrocinado pelo Estado, ocorreu após a Revolução Laranja da Ucrânia e os ataques terroristas de Beslan em 2004 – o discurso de Putin em 2007 foi um marco desse período. Na segunda conjuntura (2011-2013), o regime intensificou suas políticas nacionalistas e Putin foi concebido como o “reunificador das terras russas”. Na terceira conjuntura (2020), o regime ressuscitou fundamentos ideológicos da era czarista, como a tríade Ortodoxia-Autocracia-Nacionalidade e, por meio de emendas constitucionais, Putin foi autorizado a se tornar presidente vitalício de fato.

A percepção de ameaça por parte do Ocidente não se limita ao alargamento da OTAN e ao campo de batalha na Ucrânia. Oferece consistência a posicionamentos e ideologias

nacionalistas, como o argumento relativista que realça um conflito existencial entre a "democracia soberana russa" (fundamentada no "caminho próprio" da Rússia) e a "democracia liberal ocidental", marcada por facciosismos e "inadequada" às especificidades sociais, culturais e históricas do país. A guerra cultural também está vinculada ao discurso da supremacia de valores russos "tradicionais" sobre os valores liberais ocidentais "decadentes" – presunção oficial frequentemente marcada por sexismo, homofobia e posições anti-LGBTQIA+ (AGADJANIAN, 2017; FOXALL, 2017). O debate em torno dos valores tradicionais russos contra os valores ocidentais e a democracia liberal remonta ao século XIX, quando a divisão entre ocidentalistas e eslavófilos ganhou ressonância (SEGRILLO, 2018). Na Figura 7, é notável a diminuição das preferências pela "democracia ao estilo ocidental" em momentos de conflito, frente ao aumento das preferências pelo sistema putinista.

**Figura 7. "Qual sistema político lhe parece melhor?"**

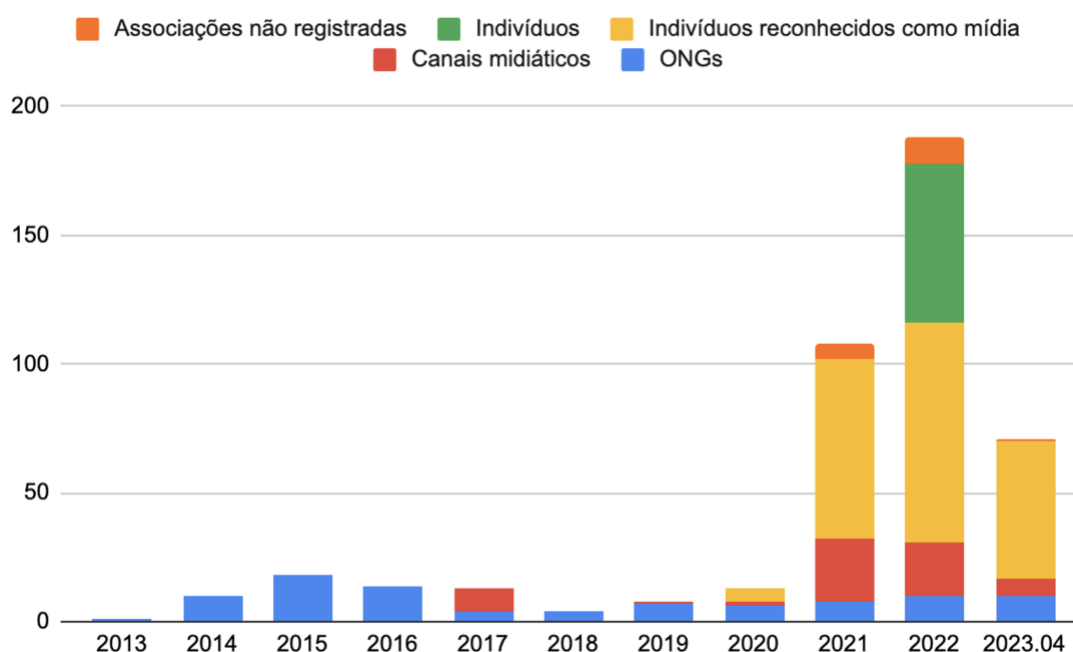


Fonte: compilado pelo autor com base em dados do Levada-Center (2014, 2016).

A securitização do “Ocidente coletivo” como ameaça existencial é frequentemente mobilizada como álibi para reforçar os poderes institucionais do Executivo, adotar medidas coercitivas e reprimir a oposição (a ligação entre os pressupostos I e II, com a adoção de das “medidas urgentes” contra ameaças). Jornalistas, ativistas, atores, celebridades e acadêmicos que contestam publicamente o autoritarismo de Putin e as violações de direitos humanos são recorrentemente acusados de constituírem a “quinta coluna” – inimigos internos e traidores

agindo no interesse de inimigos externos (ocidentais) que ambicionam desestabilizar a Rússia e minar o poder do Estado. Qualquer oposição a Putin é equiparada à "russofobia". Em 2012, o parlamento aprovou um projeto de lei estabelecendo a categoria "agentes estrangeiros" para ONGs que tivessem vínculos com governos ou organizações estrangeiras. Posteriormente, a legislação foi ampliada para abranger meios de comunicação e indivíduos, bem como para regulamentar e restringir ainda mais suas atividades. Ao longo da década de 2010, o Ministério da Justiça rotulou diversas organizações e personalidades dentro dessa categoria, conforme exposto na Figura 8. Em 2021, houve um salto para mais de 100 “agentes”, indicando que o regime já vinha intensificando o uso de meios coercitivos antes mesmo da invasão em larga escala da Ucrânia. Em 2022, o registro bateu um novo recorde anual, alcançando 188 novos agentes. Vale notar que, de 2009 a janeiro de 2022, a organização de direitos humanos "Memorial", também classificada como "agente estrangeiro" e liquidada pelo Ministério da Justiça, identificou 1.000 presos políticos em toda a Rússia (MEMORIAL, 2022).

**Figura 8. Número de pessoas físicas e jurídicas classificadas como “agentes estrangeiros”**



Fonte: compilado pelo autor com base em dados do Ministério da Justiça da Rússia (2023).

A instrumentalização ideológica da guerra de 2022 para legitimar o regime e suas “medidas urgentes” de segurança pode ser exemplificada pelo discurso de Putin de março de 2022, quando ameaças internas e externas foram entrelaçadas visando justificar uma necessária “autopurificação” da sociedade e das elites russas – estratégia para assegurar a coesão interna do regime:

[...] por trás do discurso hipócrita e das ações atuais do chamado Ocidente coletivo, existem objetivos geopolíticos hostis. [...] Lembramos como eles apoiaram o separatismo, o terrorismo, encorajando terroristas e bandidos no Cáucaso Norte [Chechênia]. Como nos anos 1990 e início dos anos 2000, eles agora, mais uma vez, querem repetir sua tentativa de nos esmagar [...] nos transformar em um país fraco e dependente, violar a integridade territorial e desmembrar a Rússia da melhor maneira possível para eles. Não funcionou naquela época e não funcionará agora. Sim, claro, vão tentar apostar na chamada quinta coluna, nos traidores nacionais, nos que ganham dinheiro aqui, conosco, mas vivem lá, e “vivem” nem no sentido geográfico da palavra, mas em pensamentos, em sua consciência servil. Qualquer povo, e ainda mais o povo russo, sempre será capaz de distinguir os verdadeiros patriotas da escória e dos traidores e simplesmente cuspi-los como um mosquito que acidentalmente voou para dentro de suas bocas [...]. Estou convencido de que uma tão natural e necessária autopurificação da sociedade só irá fortalecer o nosso país, a nossa solidariedade, coesão e disponibilidade para responder a quaisquer desafios. (PUTIN, 2022, tradução nossa).

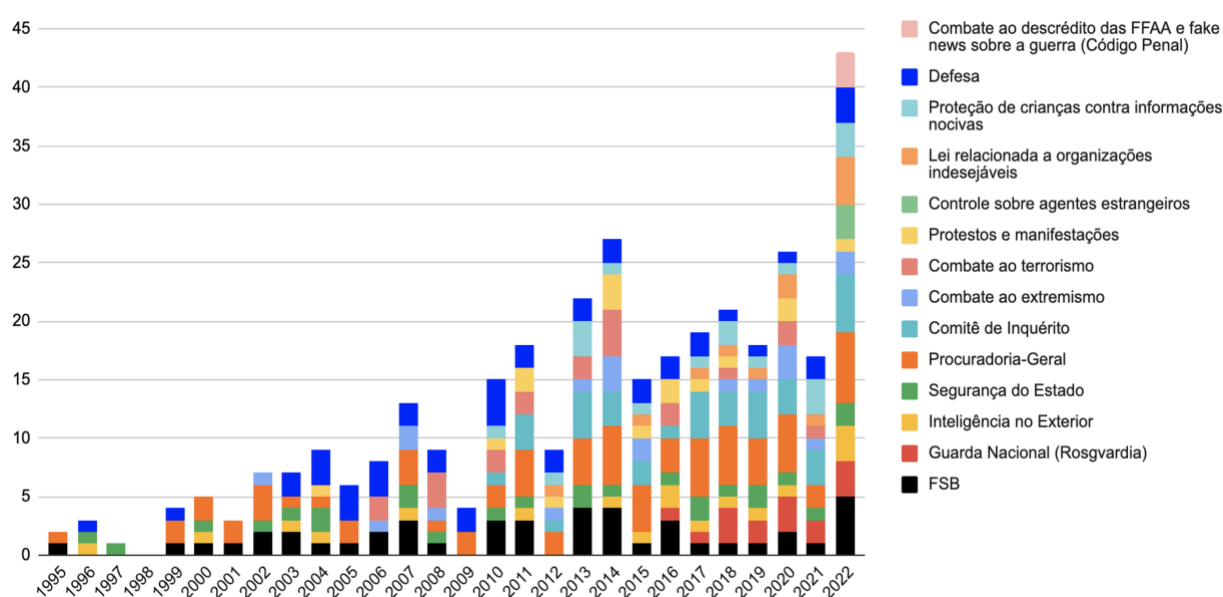
Desde as primeiras fases do governo de Putin, as elites centrais russas têm assegurado o monopólio sobre os processos e discursos de securitização na sociedade, controlando fortemente a mídia e até mesmo os programas escolares. Essa tendência vem sendo fortalecida desde a guerra de 2022. Em março, o parlamento aprovou projetos de lei visando combater a “desinformação” sobre a atuação das forças armadas na chamada “operação militar especial”, um eufemismo mandatório para invasão – a própria referência ao termo “guerra” pode levar a sanções administrativas e criminais. Vários ativistas, jornalistas e opositores conhecidos nacionalmente foram detidos ou estão enfrentando acusações criminais. De acordo com a organização OVD-Info (2023), uma ONG classificada como “agente estrangeiro”, de fevereiro de 2022 a abril de 2023, mais de 19.600 pessoas foram detidas por suas posições antiguerra em protestos públicos e mídias sociais, mais de 530 enfrentaram acusações criminais, 6.560 sofreram processos administrativos e 32 sofreram tortura ou violência. Em 2022, cerca de 210.450 sites foram bloqueados (OVD-Info, 2022), um esforço para hegemonizar o discurso oficial do regime na internet. Em abril de 2023, o opositor e ativista Vladimir Kara-Murza foi condenado a 25 anos de prisão.

O confronto com o Ocidente também impactou a política interna ao empoderar setores do establishment de segurança (os *siloviki*). Desde 2014, os clãs militares (o “partido da guerra”) vêm ganhando cada vez mais preponderância sobre outros clãs de elite. Os *siloviki* podem ter tido uma influência significativa nas posições ideológicas do regime (incluindo a postura confrontativa na política externa) e nas medidas de Putin para endurecer o regime – o empoderamento desses setores constitui um importante fator para a decisão de iniciar o conflito (pressuposto III). Kryshtanovskaya e White (2003) definiram o sistema construído por Putin como uma “militocracia”, dada a presença marcante de oficiais de segurança nas estruturas de poder. Kuzio (2022) afirma que desde o período soviético os *siloviki* foram marcados pelo

nacionalismo, chauvinismo, xenofobia em relação à Ucrânia e ao Ocidente, paranoia de segurança e uma visão de mundo conspiratória – mudanças políticas e protestos populares são frequentemente concebidos como conspirações russofóbicas, organizadas por agências de inteligência ocidentais visando minar o poder estatal russo. As comunidades epistêmicas pró-guerra e nacionalistas, integradas pelos *siloviki*, por políticos populares, acadêmicos cooptados, jornalistas e outros propagandistas do regime, há muito contam com um monopólio discursivo nos meios de comunicação e na sociedade como um todo.

Na Figura 9, como *proxy* para a crescente atenção que os *siloviki* têm recebido desde a queda de popularidade de Putin no início dos anos 2010, apresento a variação no número de leis e emendas adotadas em diversos segmentos relacionados à repressão e ao aparato de segurança. Observa-se que os picos de toda a série foram em 2014 e 2022 – exatamente os anos que viram as maiores tensões nas relações da Rússia com a Ucrânia e o Ocidente. Também é notável que o número de leis nessas esferas após 2014 foi significativamente maior do que nos períodos anteriores. Vale ressaltar que as instituições que lideraram os índices de confiança na sociedade russa em agosto de 2022 foram o presidente (80%), o exército (77%) e os órgãos de segurança (61%), muito à frente de organizações religiosas, da imprensa e do parlamento (LEVADA-CENTER, 2022a).

**Figura 9. Número de leis e emendas relacionadas às instituições de segurança e repressão**



Fonte: compilado pelo autor com base em pesquisa no Consultant.ru (2023b).

Algumas estratégias utilizadas por potências ocidentais para conter as ambições expansionistas de Putin podem ter efeitos colaterais indesejáveis, principalmente no que

concerne às sanções econômicas que atingem diretamente a sociedade russa, percebidas como uma punição coletiva. O regime tem mobilizado tais sanções no sentido de reforçar o seu discurso sobre ameaças externas – um “Ocidente coletivo” hostil e russofóbico, sedento por sufocar a Rússia a qualquer custo – visão de mundo difundida entre oficiais do setor de segurança na Era soviética. De fato, uma pesquisa publicada em junho de 2022 revelou que 74% da população acredita que a intenção das sanções do Ocidente é "enfraquecer e humilhar a Rússia", enquanto apenas 8% as consideram um instrumento para pressionar pelo fim da guerra; 75% sustentam que o país deve continuar sua operação militar, independentemente das sanções (LEVADA-CENTER, 2022b).

Embora a guerra até o momento tenha favorecido a legitimação do regime, é importante ressaltar que todos os picos de aprovação de Putin estiveram relacionados a conflitos rápidos, com resultados tangíveis e positivos. Se a guerra se prolongar, com altos custos para a sociedade, a popularidade do regime certamente poderá ser prejudicada – Yeltsin testemunhou esse cenário na Primeira Guerra da Chechênia (1994-1996). Aparentemente, as autoridades russas subestimaram a resistência que a Ucrânia (com apoio ocidental) ofereceria à invasão.

Por fim, cabe indagar se as elites russas realmente temiam e temem riscos e instabilidades ao regime. A julgar por uma série de fatores, sim. Em primeiro lugar, o notável aumento da legislação nos setores de repressão e segurança durante a década de 2010, após a consolidação de grandes protestos políticos, é por si só uma evidência de que as elites estavam apreensivas – suas bases econômicas não mais são percebidas como suficientes para garantir um apoio confortável ao regime (a cooptação das barganhas autoritárias). Após a reforma da previdência de 2018 e a pandemia de Covid-19, os índices de popularidade de Putin registraram quedas significativas; líderes da oposição como Alexey Navalny conseguiram mobilizar protestos mesmo em regiões distantes de Moscou, ocorrência rara nos períodos anteriores. Em 2021, o regime se deparou com os maiores protestos na história recente da Rússia, impulsionados pela prisão de Navalny; mais de 23.000 manifestantes foram detidos (OVD-INFO, 2022). Em segundo lugar, em 2020, as elites realizaram a maior reforma constitucional desde sua adoção em 1993. Os poderes presidenciais formais, que já eram exponenciados e reforçados por instituições informais, foram ainda mais ampliados, denotando uma possível preocupação com o destino político de Vladimir Putin. As reformas incluíram a imunidade vitalícia para ex-presidentes e suas famílias, um maior controle do Tribunal Constitucional pelo presidente e um escopo maior deste Tribunal para bloquear projetos de lei indesejáveis ao presidente. Finalmente, outros regimes personalistas (aliados de Putin) no Espaço Pós-Soviético, com características semelhantes ao modelo russo e que pareciam estáveis e

consolidados, foram profundamente abalados por revoltas populares e deserções de elite nos últimos anos (Figura 10), como na Armênia (2018), Belarus (2020-2021) e Cazaquistão (2022). Não fosse o apoio político e militar de Putin, os dois últimos possivelmente teriam caído.

**Figura 10. Protestos em massa no Espaço Pós-Soviético**

<b>Evento</b>	<b>País</b>	<b>Ano</b>	<b>Resultado</b>
Revolução Rosa	Geórgia	2003	Alternância de poder
Revolução Laranja	Ucrânia	2004	Alternância de poder
Revolução das Tulipas	Quirguistão	2005	Alternância de poder
Revolução dos Jeans	Belarus	2006	Incumbente permaneceu no poder
Revolução das Uvas	Moldávia	2009	Incumbente permaneceu no poder
Revolução do Melão	Quirguistão	2010	Alternância de poder
Euromaidan	Ucrânia	2014	Alternância de poder
Revolução de Veludo	Armênia	2018	Alternância de poder
Revolução das Pantufas	Belarus	2020-2021	Incumbente permaneceu no poder com o apoio direto da Rússia
Revolução das Estepes	Cazaquistão	2022	Incumbente permaneceu no poder com o apoio direto da Rússia (intervenção militar)

Fonte: compilado pelo autor.

### **A securitização da Ucrânia como uma ameaça existencial**

Em complemento à estratégia diversionista apresentada na seção anterior, abordo a seguir a construção discursiva de ameaças existenciais na Rússia como um dos principais instrumentos para justificar a adoção de “medidas urgentes” (autoritárias) de segurança, parte do pressuposto II.

Após a dissolução da URSS, a influência geopolítica da Rússia sofreu um significativo declínio, inclusive no seu entorno imediato. Diversos movimentos nacionais em Estados pós-soviéticos passaram a conceber as conexões com a cultura, língua e história russas como uma herança colonial (ANNUS, 2012; KUZIO, 2002). Particularmente problemáticas para a hegemonia russa foram as chamadas “revoluções coloridas” (Figura 10), que, em alguns casos, provocaram a destituição de lideranças e autocratas alinhados a Moscou por grupos mais distantes da órbita russa ou mesmo pró-Occidente, orientados à integração com a União Europeia e a OTAN. Tais movimentos político-sociais foram provocados por uma

multiplicidade de fatores domésticos, não necessariamente relacionados a preferências e interesses geopolíticos (BUNCE E WOLCHIK, 2011; BEISSINGER, 2013). No entanto, os discursos oficiais russos simplificam suas causas, concebendo-os como “marionetes” do Ocidente, parte de uma estratégia de guerra híbrida destinada a enfraquecer a hegemonia regional russa.

A fundação do Estado russo foi antecedida pela formação da chamada Rus de Kiev no século IX, a qual incorporou territórios hoje pertencentes à Ucrânia, Rússia e Belarus. Nacionalistas russos costumam mobilizar esse passado comum como prova da irmandade entre russos (“grandes russos”), ucranianos (“pequenos russos”) e bielorrussos (“russos brancos”), alegando que essas nações constituem um único povo pan-russo. Como observa Kuzio (2022, p.14), o império czarista, os emigrados (após a Revolução de 1917), os stalinistas e outros grupos nacionalistas russos negaram reiteradamente a existência independente de ucranianos, rotulando-os como “pequenos russos” (*malorosy*) – a formação *de* uma identidade ucraniana separada da russa é concebida como um processo artificial, estimulado pelo Ocidente, potências hostis e ucranianos da parte Oeste da Ucrânia em uma conspiração russofóbica para dividir o povo russo, contra a vontade da maioria dos pequenos russos. D'Anieri (2019) enfatiza que desde 1992 nacionalistas russos contestaram as fronteiras ucranianas (entre eles, o famoso escritor russo e dissidente soviético Alexander Solzhenitsyn) e houve tensão recorrente entre ambos os países, inclusive durante os mandatos de presidentes ucranianos considerados “pró-Rússia”. Em suas palavras, “a Rússia simplesmente não deixou a Ucrânia seguir o seu próprio caminho porque a maioria dos russos sentia que a Ucrânia era uma parte intrínseca da Rússia” (D'ANIERI, 2019, p. 19, tradução nossa).

A mudança de tom nos discursos de Putin em direção ao revisionismo histórico e à securitização da OTAN e da Ucrânia como uma ameaça existencial começou a ganhar corpo após a Revolução Laranja da Ucrânia em 2004, quando o candidato pró-Rússia, Viktor Yanukovich, terminou derrotado. No ano seguinte, ecoando posturas coloniais, Putin fez referências à “missão civilizadora” da Rússia no continente eurasiático e declarou que “o apoio internacional ao respeito dos direitos dos russos [étnicos] no exterior era um assunto de grande importância, que não poderia ser objeto de negociação política e diplomática” (PUTIN, 2005). A doutrina do “mundo russo” (*russkiy mir*) ganhou consistência na política externa de Moscou, que passou a enaltecer a obrigação moral da Rússia de proteger os russos étnicos e as populações de língua russa no exterior, principalmente em ex-repúblicas soviéticas. Putin também declarou que o fim da URSS foi “uma das maiores catástrofes geopolíticas do século XX” e, na Cúpula da OTAN de 2008 em Bucareste, questionou abertamente a “artificialidade”

das fronteiras ucranianas contemporâneas. Deve-se mencionar que o conceito de “mundo russo” não foi uma inovação de Putin, mas remonta à proposta de Solzhenitsyn de constituir uma “União Russa” de eslavos orientais (Rússia, Belarus e Ucrânia) para substituir a URSS sem o Cáucaso, a Ásia Central e os Estados Bálticos (KUZIO, 2022). Já em 1993, as elites russas passaram a exigir o reconhecimento da ex-União Soviética como sua esfera de influência exclusiva. Segundo Kuzio (2022, p. 37), as elites políticas e intelectuais falharam em desenvolver uma concepção de Estado-Nação russo pós-imperial. Em vez disso, “elas se alinharam aos nacionalistas russos no apoio a uma 'comunidade imaginada' russa maior<sup>6</sup> do que a Federação Russa”.

Desde o Euromaidan em 2014, a Ucrânia tem ganhado cada vez mais espaço nos discursos de Putin. Em várias ocasiões, questionou o direito de a Ucrânia existir como Estado e nação independentes, criticando as políticas étnicas e administrativas implementadas pelos bolcheviques após a Revolução de 1917, destinadas a transformar o antigo Império Russo em um Estado soviético quase-etnofederal. De 2019 a 2021, Putin reiterou que russos e ucranianos são um só povo. A propaganda do regime afirma que Putin está corrigindo uma injustiça histórica e lutando contra o novo colonialismo ocidental (KHRUSHCHEVA, 2022). No artigo intitulado "a unidade histórica entre russos e ucranianos", publicado em 2021, Putin fez algumas de suas declarações mais controversas, destacando o país vizinho como um elemento fundamental à segurança russa (um verdadeiro discurso de securitização):

a Ucrânia moderna é total e completamente um legado da era soviética. Sabemos e lembramos que, em grande parte, foi criado às custas da Rússia histórica. [...] E o mais indignante é que os russos na Ucrânia são forçados não apenas a renunciar às suas raízes, de gerações de ancestrais, mas também a acreditar que a Rússia é sua inimiga. Não seria exagero dizer que o caminho para a assimilação forçada, para a formação de um Estado ucraniano etnicamente puro, agressivo contra a Rússia, é comparável em suas consequências ao uso de armas de destruição em massa contra nós. (PUTIN, 2021, tradução nossa).

Após o início da invasão de larga escala de 2022, Putin enfatizou a criação da Ucrânia como um projeto anti-Rússia do século XIX para desmembrar e destruir a Rússia – teoria conspiratória desenvolvida ainda no período czarista – e, novamente, vinculou ameaças externas (o Ocidente coletivo e nacionalistas ucranianos) a internas (“traidores liberais”):

---

<sup>6</sup> Kuzio (2022, p.22) afirma que esta não era uma tendência nova: os russos viam a Rússia e a URSS como uma e a mesma coisa. A República Socialista Federativa Soviética da Rússia foi a única república da URSS sem instituições republicanas.

Deixe-me lembrá-los de que nos anos 30 do século passado, o Ocidente realmente abriu o caminho para os nazistas chegarem ao poder na Alemanha. E em nosso tempo, eles começaram a fazer da Ucrânia uma "anti-Rússia". Na verdade, o projeto não é novo. [...] esse projeto remonta ao século XIX, foi cultivado no Império Austro-Húngaro, na Polônia e em outros países com um objetivo – arrancar esses territórios históricos, que hoje se chamam Ucrânia, do nosso país. [...] O próprio povo da Ucrânia tornou-se refém do regime de Kiev e de seus mestres ocidentais, que na verdade ocuparam este país no sentido político, militar e econômico, destruíram a indústria ucraniana por décadas e saquearam seus recursos naturais. [...] É óbvio que o Ocidente tentará minar e dividir nossa sociedade, contando com traidores nacionais que sempre – quero enfatizar isso – têm o mesmo veneno de desprezo por sua própria pátria e o desejo de ganhar dinheiro vendendo este veneno para aqueles que estão dispostos a pagar por isso. Sempre foi assim. (PUTIN, 2023, tradução nossa).

Em um polêmico artigo publicado em um dos maiores jornais estatais do país, intitulado "O que a Rússia deve fazer com a Ucrânia", um propagandista do regime (e ideólogo da doutrina do mundo russo) argumentou que não apenas as elites ucranianas são nazistas, mas também uma grande parte da população, a qual deve ser "reeducada" à força através da intervenção militar. Diante da "ameaça" que a Ucrânia presumivelmente representa para a Rússia, o autor defende abertamente sua aniquilação como Estado e nação, além da punição de sua população com a guerra por ter apoiado e conspirado com "nazistas":

[...] além das elites, uma parcela significativa da população, que é nazista passiva, cúmplice do nazismo, também é culpada. [...] O ucrinazismo não representa uma ameaça menor para o mundo e para a Rússia do que o nazismo alemão de Hitler. O nome "Ucrânia" aparentemente não pode ser preservado como o título de qualquer formação estatal totalmente desnazificada no território libertado do regime nazista. [...] A desnazificação será inevitavelmente a desucranização – uma rejeição do estímulo artificial, iniciado em larga escala pelo governo soviético [...] O ucranismo é uma construção artificial antirussa que não tem conteúdo civilizacional próprio, elemento de uma civilização estrangeira e alienígena. [...] a desnazificação da Ucrânia é também a sua inevitável deseuropeização. [...] O "pântano" social, apoiando [as elites "nazistas"] ativa e passivamente por ação e inação, deve sobreviver às dores da guerra e aprender esta experiência como uma lição histórica e uma redenção de sua culpa. (SERGEYTSEV, 2022, tradução nossa).

A divulgação de um artigo tão chauvinista e ucranianofóbico em um dos maiores meios de comunicação do país revela como as elites têm procurado estimular a percepção da Ucrânia como uma ameaça existencial à Rússia (a Ucrânia como um projeto artificial "anti-Rússia") para justificar a adoção de "medidas urgentes" de segurança, como prevê a literatura sobre securitização (BUZAN et al. 1998). Ao associar a população ucraniana ao nazismo, o regime visa despertar memórias históricas do trauma coletivo que a população soviética viveu durante a Segunda Guerra Mundial e, assim, promover tanto o ódio social, como recurso de mobilização para a guerra, quanto o nacionalismo como fonte de legitimação do regime – outra evidência para a conexão entre regime autoritário e a decisão de lutar (pressuposto III). Tais

estratégias de “desumanização” e “demonização” do oponente podem levar a atrocidades de guerra (ver SAVAGE, 2013; EU VS DISINFO, 2022).

Várias ações russas no campo de batalha, como práticas de assimilação cultural forçada e anexação territorial, sugerem que por trás da invasão pode haver de fato uma intenção de extinguir a Ucrânia como Estado. Em junho de 2022, revelando sua ambição imperial (dentro do discurso da securitização), Putin comparou-se a Pedro, o Grande, afirmando que, como o imperador russo, está agora "retornando e fortalecendo" os territórios russos; além disso, insinuou que a atual Ucrânia é uma colônia e uma "colônia não tem chance de sobreviver em uma luta geopolítica tão difícil" (RIA, 2022). Dias depois, o ex-presidente Dmitry Medvedev afirmou que dentro de dois anos a Ucrânia pode não mais existir no mapa (RBK, 2022).

Uma fonte real de ameaça para as elites russas é o risco de um eventual sucesso na democratização ucraniana e na integração econômica com a Europa estimular um efeito transbordamento, tendo em vista a proximidade sociocultural e geográfica, trazendo instabilidades políticas a autocratas aliados em toda a região e à própria Rússia (PERSON E MCFAUL, 2022). A declaração do conselheiro de Vladimir Putin, Sergey Glazyev, em 2015, expôs as preocupações das elites nesse sentido:

Ao organizar um golpe de Estado e estabelecer o controle total sobre as estruturas de poder do Estado ucraniano, Washington aposta em transformar esta parte do mundo russo em um trampolim para intervenções militares, informativas, humanitárias e políticas na Rússia com o objetivo de transferir uma guerra caótica ao seu território, organizando uma revolução e seu posterior desmembramento. O cálculo é baseado no fato de que a consciência pública russa não está imune à penetração de agentes de influência da Ucrânia, que é parte integral da raiz do sistema espiritual e cultural russo. (GLAZYEV, 2015, tradução nossa).

Finalmente, é necessário destrinchar uma questão fundamental: por que Putin mudou suas posições em relação à Ucrânia ao longo do tempo? A resposta pode ser encontrada nas perspectivas de sucesso dos discursos de securitização. Como Buzan et al. (1998, p.25) argumentam, a securitização ocorre apenas quando o público aceita uma dada questão como um problema de segurança. Logo, Putin não pode criar nenhuma ameaça existencial por conta própria – sua margem de securitização é restringida por um conjunto limitado de questões com potencial significativo de serem aceitas pelo público em larga escala. O nacionalismo de grande potência, a frustração com o declínio do poder militar-geopolítico, a nostalgia pela União Soviética, o ressentimento e a fobia contra o Ocidente, bem como a não aceitação da independência ucraniana já estavam presentes na sociedade russa desde a década de 1990. A Revolução Laranja na Ucrânia em 2004 proporcionou uma grande oportunidade para unificar todos esses sentimentos e percepções em um poderoso discurso de securitização. Putin

encontrou solo fértil para conduzir uma mudança estratégica de uma concepção herdada das elites soviéticas de ucranianos como um povo “próximo, mas diferente”, para uma representação pré-soviética de ucranianos como uma construção artificial promovida pelo Ocidente para dividir a Rússia. Tal concepção da era czarista foi reforçada por visões de mundo conspiratórias dos oficiais de segurança soviéticos, ainda presentes na mentalidade dos *siloviki* contemporâneos (KUZIO, 2022). Graças a esse movimento, a atual guerra agressiva contra a Ucrânia pôde ser concebida discursivamente como uma “guerra defensiva” para proteger e reconquistar um território russo. A securitização da Ucrânia (e do Espaço Pós-Soviético no geral) gradualmente se tornou uma estratégia eficiente e promissora para substituir a “ameaça existencial” chechena do início dos anos 2000. Com isso, o regime logrou manter a mobilização de ameaças internas e externas como fonte recorrente de autolegitimação.

## **Conclusão**

No esforço de lançar luz sobre as reais motivações da guerra atual e seus potenciais benefícios para Vladimir Putin, abordei fatores que têm sido recorrentemente ignorados nas abordagens de realistas das Relações Internacionais, sobretudo as fontes domésticas do conflito – as estratégias de legitimação do regime para assegurar a sua sustentação. Mostrei como o regime russo procurou instrumentalizar conflitos para estimular o nacionalismo na sociedade, a popularidade do incumbente (pressuposto I) e as preferências individuais autoritárias (pressuposto II) – ambos reforçam o apoio social ao regime e a suas políticas repressivas, bem como fornecem uma justificativa racional para a necessidade de uma liderança autoritária. Por sua vez, tais ganhos de legitimação aumentam a propensão de autocratas iniciarem conflitos recorrentemente (pressuposto III). O poderio militar e a experiência da Rússia facilitaram a mobilização de guerras diversionistas como uma estratégia eficaz de sustentação do regime. A preeminência dos órgãos de segurança durante e após os conflitos, com visões (geo)políticas belicosas, reforça essa tendência.

As análises multimétodos da relação entre conflitos, atitudes políticas (avaliação do incumbente, percepções de ameaças sociais e preferências autoritárias), discurso de securitização (discursos anuais presidenciais anuais ao parlamento e outras declarações oficiais), bem como emendas a leis federais repressivas mostram que a explicação das causas da invasão da Ucrânia em 2022 com base na teoria da guerra diversionista é muito mais plausível em termos de comportamento racional dos agentes de Estado do que estratégias falhas e inconsistentes de balanceamento de poder. A sobrevivência do regime é também um objetivo

*da realpolitik*, com preocupações mais tangíveis do que ameaças abstratas de potências estrangeiras, invadindo ou atacando imprudentemente uma potência com o maior arsenal nuclear do planeta – algo que mesmo na Guerra Fria não ocorreu. Não argumento que considerações geopolíticas e econômicas estiveram ausentes no cálculo de Putin, mas sim questiono que esses fatores tenham sido a principal motivação para a invasão, já que a guerra dificilmente pode trazer benefícios geopolíticos para a Rússia, mas certamente pode oferecer ganhos políticos domésticos para Putin.

A securitização do "Ocidente coletivo" e da Ucrânia como ameaça existencial à Rússia tem sido uma das principais fontes ideológicas de sua legitimação. Desde o início, Putin mobilizou inimigos internos e externos (o quadripé “bandidos chechenos – nacionalistas ucranianos – Ocidente coletivo – traidores domésticos liberais”) como fundamento para justificar políticas repressivas (as “medidas urgentes” de segurança) e a erosão de freios e contrapesos institucionais no sistema político. Gradualmente adquiriu conhecimento e experiência sobre como instrumentalizar recursos securitizadores e diversionistas para a sustentação do regime. A Revolução Laranja da Ucrânia em 2004 conferiu a Putin a oportunidade de fundir velhos medos conspiratórios, fobias, ressentimentos e nacionalismo presentes na sociedade em um discurso de securitização bem-sucedido. Este movimento estratégico permitiu a representação da atual agressão de Putin contra a Ucrânia como uma “guerra defensiva” para reconquistar e proteger um território russo.

De acordo com o discurso oficial, os russos devem se unir em torno de Putin contra inimigos que visam subjugar a Rússia, levá-la de volta à caótica década de 1990 e minar sua integridade territorial, o poder do Estado e a harmonia social. Esses inimigos contam com aliados internos e fantoches (a “quinta coluna”, qualquer oposição ao regime), que devem ser derrotados com urgência. O combate a tais “inimigos” contribuiu para estimular a popularidade de Putin e o nacionalismo (o efeito *rally 'round the flag*); elevar as preferências autoritárias na sociedade; reforçar a influência política do *establishment* militar e de segurança; exaltar a supremacia dos valores "tradicionais" russos e da "democracia soberana" sobre os valores liberais "decadentes" ocidentais; bem como justificar a concentração de poderes no Executivo (a “mão forte” de Putin) e a adoção de medidas repressivas contra dissidentes, dentre jornalistas, acadêmicos, estudantes, ativistas e políticos – nas palavras de Putin, a “autopurificação” da sociedade russa em uma cruzada contra “agentes estrangeiros” e “quinta colunas”.

O regime estava realmente em perigo? É difícil avaliar a objetividade dos riscos políticos, mas o que realmente importa é se suas lideranças se sentem ameaçadas. Diversos

fatores indicam que elas de fato temiam instabilidades: as medidas repressivas aumentaram significativamente nos anos 2010 (evidência de que as barganhas autoritárias não funcionavam mais como esperado), a economia não apresentou a mesma dinâmica positiva dos anos 2000, a aprovação de Putin passou por momentos de declínio significativo, protestos políticos se espalharam para regiões distantes de Moscou e regimes personalistas semelhantes no Espaço Pós-Soviético foram repentinamente confrontados por protestos em massa e risco de colapso. Como observa Geddes (1999), regimes personalistas são o tipo autoritário mais suscetível a colapsos violentos. A atuação de Putin para garantir a sobrevivência de regimes aliados, ameaçados por protestos em massa e "revoluções coloridas", tem sido notável nos últimos anos. A Ucrânia, com várias alternâncias de poder (pacíficas ou turbulentas) após o fim da URSS, representa uma ameaça real para esses regimes, inclusive para a Rússia.

Como muitos outros autocratas em busca de autolegitimação, Putin efetivamente securitizou "inimigos" domésticos e estrangeiros como ameaças existenciais à Rússia, afirmando que sem seu governo autoritário o país multinacional está fadado a sucumbir, como aconteceu com a URSS. No entanto, conforme eventos recentes mostraram, a maior ameaça à Rússia e ao povo russo tem sido o próprio Putin.

## **Bibliografia**

### ***Referências***

- Agadjanian, Alexander (2017). Tradition, Morality and Community: Elaborating Orthodox Identity in Putin's Russia. *Religion, State and Society* 45(1): 39–60.
- Annus, Epp (2012). The Problem of Soviet Colonialism in the Baltics. *Journal of Baltic Studies* 43(1): 21–45.
- Beissinger, Mark (2013) The Semblance of Democratic Revolution: Coalitions in Ukraine's Orange Revolution. *American Political Science Review*, 107(3): 19.
- Bunce, Valerie, and Sharon Wolchik (2011) *Defeating authoritarian leaders in postcommunist countries*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Buzan, Barry, Ole Wæver, and Jaap Wilde (1998) *Security: a new framework for analysis*. Boulder, Colo: Lynne Rienner Pub.
- Centeno, Miguel (2010) Concluding Reflections: What Wars Do. In Kier and Krebs (eds) *In war's wake: international conflict and the fate of liberal democracy*. New York: Cambridge University Press, 253–270.
- Charap, Samuel (2022) Nato honesty on Ukraine could avert conflict with Russia, Financial Times, January 12<sup>th</sup>. <https://www.ft.com/content/74089d46-abb8-4daa-9ee4-e9e9e4c45ab1>

- Davis, Darren, and Brian Silver (2004) Civil Liberties vs. Security: Public Opinion in the Context of the Terrorist Attacks on America. *American Journal of Political Science*, 48(1): 28–46.
- D’Anieri, Paul (2019) *Ukraine and Russia: From Civilized Divorce to Civil War*. Cambridge, United Kingdom; New York, NY, USA: Cambridge University Press.
- Duckitt, John, and Kirstin Fisher (2003) The Impact of Social Threat on Worldview and Ideological Attitudes, *Political Psychology* 24(1): 199–222.
- Feldman, Stanley, and Karen Stenner (1997) Perceived Threat and Authoritarianism, *Political Psychology*, 18(4): 741–770.
- Ferraro, Vicente (2022) O dilema entre democracia e ordem em sociedades divididas: conflitos separatistas, ameaças sociais e preferências autoritárias na Rússia e na Ucrânia. 2022. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-02092022-161337/pt-br.php>
- Ferraro, Vicente (2023) The Contradictions in Vladimir Putin's "Just War" against Ukraine. In: Segrillo, Angelo (ed.). *On War*. FFLCH-USP. <https://lea.vitis.uspnet.usp.br/arquivos/livrolea2023.pdf>
- Foxall, Andrew (2019) From Evropa to Gayropa: A Critical Geopolitics of the European Union as Seen from Russia. *Geopolitics* 24(1): 174–93.
- Gagnon, V. (1995) Ethnic nationalism and international conflict: The case of Serbia, *International Security* 19 (3): 130-66.
- Geddes, Barbara (1999) What do we know about democratization after Twenty Years, *Annual Review of Political Science* (2):115-44.
- Geddes, Barbara, Joseph Wright, and Erica Frantz (2018). *How Dictatorships Work: Power, Personalization, and Collapse*. Cambridge, United Kingdom: New York, NY: Cambridge University Press.
- Gelman, Vladimir (2021) *Avtoritarnaya Rossiya*. Moscow: Govard Rork ed., 2021.
- Gerschewski, Johannes (2013) The Three Pillars of Stability: Legitimation, Repression, and Co-optation in Autocratic Regimes, *Democratization* 20(1), 13–38.
- Glazyev, Sergey (2015) Doklad «O neotlozhnykh merakh po ukrepleniyu ekonomicheskoy bezopasnosti Rossii», SVOP, 18 September. <https://svop.ru/main/16589/>
- Guriev, Sergei & Daniel Treisman (2015) The new authoritarianism, VoxEU.org, 21 March. <https://voxeu.org/article/new-authoritarianism>
- Karaganov, Sergey (2019) Ukhod voennogo prevoskhodstva zapada i geoeconomika, Polis. Political Studies. No. 6, 8-21.
- Khrushcheva, Nina (2022) The Kremlin’s Suicidal Imperialism, Project Syndicate, October 4<sup>th</sup>. <https://www.project-syndicate.org/commentary/putin-annex-ukrainian-territories-propaganda-speech-by-nina-l-khrushcheva-2022-10>
- Krebs, Ronald (2010) International Conflict and the Constitutional Balance: Executive Authority after War. In Kier and Krebs (eds) *In war’s wake: international conflict and the fate of liberal democracy*. New York: Cambridge University Press, 187–210.
- Kryshtanovskaya, Olga, and Stephen White (2003) Putin’s Militocracy. *Post-Soviet Affairs* 19(4): 289–306.
- Kuzio, Taras (2002) History, Memory and Nation Building in the Post-Soviet Colonial Space. *Nationalities Papers* 30(2): 241–64.
- Kuzio, Taras (2022) *Russian Nationalism and the Russian-Ukrainian War: Autocracy-Orthodoxy-Nationality*. New York: Routledge.
- Lai, Brian, and Dan Slater (2006) Institutions of the Offensive: Domestic Sources of Dispute Initiation in Authoritarian Regimes, 1950-1992. *American Journal of Political Science* 50(1): 113–26.

- Levitsky, Steven, and Lucan Way (2012) Beyond Patronage: Violent Struggle, Ruling Party Cohesion, and Authoritarian Durability. *Perspectives on Politics*, 10(4): 869–889.
- Mansfield, Edward, and Jack Snyder (2002) Incomplete Democratization and the Outbreak of Military Disputes. *International Studies Quarterly* 46(4): 529–49.
- Mearsheimer, John (2022) Why the West is principally responsible for the Ukrainian crisis, *The Economist*, March 19<sup>th</sup>. <https://www.economist.com/by-invitation/2022/03/11/john-mearsheimer-on-why-the-west-is-principally-responsible-for-the-ukrainian-crisis>
- Mueller, John (1973) *War, Presidents, and Public Opinion*. New York: John Wiley & Sons.
- Norris, Pippa, and Ronald Inglehart (2019) *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism*. Cambridge Core: Cambridge University Press.
- Oakes, Amy (2012) *Diversionary War: Domestic Unrest and International Conflict*. Stanford, California: Stanford Security Studies, Stanford University Press.
- Onraet, Emma et al. (2013) Internal and External Threat in Relationship with Right-Wing Attitudes. *Journal of Personality*, 81(3): 233–248.
- Person, Robert, Michael McFaul (2022) What Putin Fears Most, *Journal of Democracy*, February 22<sup>nd</sup>. <https://www.journalofdemocracy.org/what-putin-fears-most/>
- Poast, Paul (2022) A World of Power and Fear, *Foreign Affairs*, June 15<sup>th</sup>. <https://www.foreignaffairs.com/articles/ukraine/2022-06-15/world-power-and-fear>
- Savage, Rowan (2013) Modern Genocidal Dehumanization: A New Model. *Patterns of Prejudice* 47(2): 139–61.
- Segrillo, Angelo (2018) *Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas*. Universidade de São Paulo.
- Slater, Dan (2010) *Ordering Power: Contentious Politics and Authoritarian Leviathans in Southeast Asia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Soest, Christian von & Julia Grauvogel (2017) Identity, procedures and performance: how authoritarian regimes legitimize their rule, *Contemporary Politics*, 23:3, 287-305.
- Svolik, Milan (2019) Polarization versus Democracy. *Journal of Democracy* 30(3): 20–32.
- Tir, Jaroslav and Michael Jasinski (2008) Domestic-Level Diversionary Theory of War: Targeting Ethnic Minorities. *The Journal of Conflict Resolution*, 52(5): 641–664.
- Wæver, Ole (1995) Securitization and Desecuritization, in Ronny D. Lipschutz, ed., *On Security*. New York: Columbia University Press, 46-86.
- Walt, Stephen (2022) Liberal Illusions Caused the Ukraine Crisis, *Foreign Policy*, January, 19<sup>th</sup>. <https://foreignpolicy.com/2022/01/19/ukraine-russia-nato-crisis-liberal-illusions/>
- Weeks, Jessica (2012) Strongmen and Straw Men: Authoritarian Regimes and the Initiation of International Conflict. *American Political Science Review* 106(2): 326–47.

### ***Discursos oficiais, conteúdo midiático e fontes primárias de dados***

- Consultant (2023a) Yezhegodnyye poslaniya Prezidenta RF Federal'nomu Sobraniyu RF 1994-2023. <http://www.consultant.ru/search/?q=%D0%BF%D0%BE%D1%81%D0%BB%D0%B0%D0%BD%D0%B8%D1%8F>
- Consultant (2023b) Baza zakonodatel'nikh aktov. <https://www.consultant.ru/>
- Kremlin (2002) After the Russia-NATO Summit President Vladimir Putin took part in a joint press conference with NATO Secretary, May. [www.en.kremlin.ru/events/president/news/43122](http://www.en.kremlin.ru/events/president/news/43122)
- Kremlin (2004) Russia takes a negative view of NATO expansion but has always seen the European Union's enlargement as a positive process, December. [www.en.kremlin.ru/events/president/news/32366](http://www.en.kremlin.ru/events/president/news/32366)

- Kremlin (2005) Interview with French Television Company France 3, May. [www.en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22952](http://www.en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22952)
- Levada-Center (2014) Luchshaya politicheskaya i ekonomicheskaya sistema, February, 02.2014. <https://www.levada.ru/2014/02/24/luchshaya-politicheskaya-i-ekonomicheskaya-sistema/>
- Levada-Center (2016) Predpochtitel'nyye modeli ekonomicheskoy i politicheskoy sistem, February. <https://www.levada.ru/2016/02/17/predpochtitelnye-modeli-ekonomicheskoy-i-politicheskoy-sistem/>
- Levada-Center (2022a) Doveriye obshchestvennym institutam, September. <https://www.levada.ru/2022/09/20/doverie-obshchestvennym-institutam-2/>
- Levada-Center (2022b) Sanktsii Zapada, 08 June. <https://www.levada.ru/2022/06/08/sanktsii-zapada/>
- Levada-Center (2023) Odobreniye deyatel'nosti Vladimira Putina, April. <https://www.levada.ru/indikatory/odobrenie-organov-vlasti/>
- Memorial (2022) 1000 politzaklyuchonnykh v spiske «Memoriala», February, [https://memohrc.org/ru/news\\_old/1000-politzaklyuchyonnyh-v-spiske-memoriala](https://memohrc.org/ru/news_old/1000-politzaklyuchyonnyh-v-spiske-memoriala)
- Ministry of Justice of the Russian Federation (2023) Reestr inostrannykh agentov, December. <https://minjust.gov.ru/uploaded/files/reestr-inostrannykh-agentov-05-05-2023.pdf>
- OVD-Info (2022) Repressii v Rossii v 2022 godu. <https://data.ovdinfo.org/repressii-v-rossii-v-2022-godu>
- OVD-Info (2023) Svodka antivoyennykh repressiy, April. <https://data.ovdinfo.org/svodka-antivoennykh-repressiy-2>
- Putin, Vladimir (2005) Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation, Kremlin, 25 April. [www.en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22931](http://www.en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22931)
- Putin, Vladimir (2021) Ob istoricheskom yedinstve russkikh i ukrainsev, Kremlin, 12 July. [www.kremlin.ru/events/president/news/66181](http://www.kremlin.ru/events/president/news/66181)
- Putin, Vladimir (2022) Yestestvennoye i neobkhodimoye samoochishcheniye obshchestva tol'ko ukreplit nashu stranu, Ndelo, 16 March. <https://ndelo.ru/novosti/vputin-estestvennoe-i-neobhodimoe-samoochishenie-obshchestva-tolko-ukreplit-nashu-stranu>
- RBK (2022) Medvedev ne isklyuchil otsutstviya Ukrainy na karte mira cherez dva goda, 15 June. <https://www.rbc.ru/rbcfreenews/62a98a859a79471ec85ad632>
- RIA (2022) Putin sravnil nyneshnyuyu epokhu so vremenami Petra I, 09 June. <https://ria.ru/20220609/petr-1794337144.html>
- Rose et al. (1993-2009) *New Russia Barometer (NRB)*. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1994.
- Sergeytsev, Timofey (2022) Chto Rossiya dolzhna sdelat' s Ukrainoy, RIA, 03 April. <https://ria.ru/20220403/ukraina-1781469605.html>
- Trofimov, Anton, and Dmitriy Gavrilov (2021) Kak prokhodili samyye massovyie aktsii postsovetzkoy i sovremennoy Rossii, Forbes, January. <https://www.forbes.ru/obshchestvo-photogallery/419687-kak-prohodili-camye-massovyie-akcii-postsovetzkoy-i-sovremennoy>

## Materials Suplementares

- Arquivo R (.Rmd) com os códigos dos modelos de regressão que avaliam a relação entre a percepção dos EUA como uma ameaça e as preferências autoritárias na Rússia. A fonte primária de dados foi o New Russia Barometer (Rose et al., 1993-2009).
- Arquivo Excel (.xlsx) com dados sobre leis e emendas relacionadas a instituições de segurança e repressão na Rússia. A principal fonte de dados foi o site consultant.ru.

\*\*\*

### **Declaração de conflito de interesse**

O autor declara que não há conflito de interesse.

### **Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa**

O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado nos anexos do artigo.

\*\*\*

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.